



J. R. R. Tolkien

A Queda de Gondolin

EDIÇÃO DE CHRISTOPHER TOLKIEN
COM ILUSTRAÇÕES DE ALAN LEE

Tradução
Catarina Ferreira de Almeida



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2018, The Tolkien Trust
Textos e materiais de J. R. R. Tolkien

© 2018, C. R. Tolkien
Prefácio, introdução, notas e outros materiais

© 2018, Alan Lee
Ilustrações

Publicado originalmente em inglês
por HarperCollins Publishers

© 2018, Planeta Manuscrito

Título original: *The Fall of Gondolin*

Revisão: Eulália Pyrrait

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Janeiro de 2019

Depósito legal n.º 450 870/19

ISBN: 978-989-777-193-4

Impresso em Espanha

www.planeta.pt

Para a minha família

Índice

Lista de gravuras	11
Lista de ilustrações	13
Prefácio	15
Prólogo	27

A QUEDA DE GONDOLIN

O Conto Original	43
O Texto Mais Antigo	117
Turlin e os Exilados de Gondolin	119
A História Contada no <i>Esboço da Mitologia</i>	125
A História Contada na <i>Quenta Noldorinwa</i>	133
A Última Versão	149
A Evolução da História	205
Conclusão	241
Lista de Nomes	265
Notas suplementares	285

Lista de gravuras

*entre
páginas*

Porto dos Cisnes

«Tentam apoderar-se dos barcos puxados por cisnes,
na cidade de Porto dos Cisnes, o que resulta
numa batalha»

32-33

Turgon Reforça a Vigilância

«ordenou que a vigia e a guarda fossem reforçadas
para o triplo em todos os lugares»

64-65

Cai a Torre do Rei

«a torre explodiu em chamas e afundou-se como
um punhal de fogo»

96-97

Glorfindel e o Balrog

«aquele Balrog que acompanhava o adversário na cauda
saltou com grande vigor sobre alguns rochedos
elevados»

104-105

A Fenda do Arco-Íris

«ele devia ser conduzido a um curso de água que corria,
subterrâneo, [...] ao longo do qual uma água
turbulenta desaguava, por fim, no mar ocidental» 136-137

O Monte Taras

«via uma cumeeira de grandes colinas que lhe barrava
o caminho, e seguiu para ocidente, até a cordilheira
terminar numa montanha muito alta» 160-161

Ulmo Aparece a Tuor

«Depois, ouviu-se o ruído de um trovão e um relâmpago
incendiou o mar» 168-169

Orfalch Echor

«Tuor viu que o caminho estava barrado por uma grande
muralha construída de um lado ao outro da ravina» 192-193

Lista de ilustrações

<i>Tuor toca uma nota na sua harpa</i>	27
<i>Tuor desce ao rio escondido</i>	43
<i>Isfin e Eöl</i>	117
<i>Lago Mithrim</i>	119
<i>As montanhas e o mar</i>	123
<i>Águias voam por cima das Montanhas Circundantes</i>	125
<i>O delta do Rio Sirion</i>	133
<i>Figura de proa esculpida com a forma de Glorfindel à frente dos barcos élficos</i>	148
<i>Rían escrutina o Monte dos Chacinados</i>	149
<i>A entrada na casa do rei</i>	204
<i>Tuor segue os cisnes para Vinyamar</i>	205
<i>Gondolin no meio da neve</i>	239
<i>O Palácio de Ecthelion</i>	241
<i>Elwing recebe os sobreviventes de Gondolin</i>	243
<i>O símbolo heráldico de Eärendel sobre o mar</i>	249

No fim do livro, o leitor encontrará um mapa e as árvores genealógicas da Casa de Bëor e dos príncipes de Noldor. Estes materiais foram recolhidos de *Os Filhos de Húrin*, tendo sofrido algumas alterações de pouca relevância.

Prefácio

No prefácio a *Beren e Lúthien*, eu assinalava que, «no meu nonagésimo terceiro ano de vida, este [seria] (presumivelmente) o meu último trabalho de uma longa série de edições de textos escritos pelo meu pai». Empreguei a palavra «presumivelmente» porque, naquela altura, já ponderava a hipótese de abordar *A Queda de Gondolin*¹, o terceiro dos «Grandes Contos» do meu pai, da mesma forma que tinha tratado *Beren e Lúthien*. No entanto, ainda me parecia muito improvável, pelo que «presumia» que *Beren e Lúthien* fosse o meu último trabalho. A suposição revelou-se, todavia, incorrecta e agora devo dizer que, «no meu nonagésimo quarto ano de vida, *A Queda de Gondolin* é (sem qualquer dúvida) a minha última obra».

Neste livro podemos observar, a partir da complexa narrativa de múltiplas linhas, dispersa por vários textos, de que modo a Terra

¹ O conto *A Queda de Gondolin* corresponde ao terceiro capítulo do segundo volume de *The Book of Lost Tales (O Livro dos Contos Perdidos)*. *O Livro dos Contos Perdidos* (vols. I e II) é uma antologia póstuma das primeiras histórias escritas por J. R. R. Tolkien, que serviram de base aos mitos ficcionais complexos que constituem *O Silmarillion*. Nestes dois volumes (que ainda não se encontram publicados em Portugal), Christopher Tolkien apresenta e analisa os manuscritos dessas histórias. A fim de tornar a leitura mais cómoda, usaremos o título traduzido. (*N. da T.*)

Média se encaminhou para o fim da Primeira Idade, e como o entendimento do meu pai desta história que ele concebera se desenvolveu ao longo de muitos anos, até que, por fim, naquela que seria a sua forma mais apurada, soçobrou.

A história da Terra Média nos Dias Antigos sempre foi uma estrutura em movimento. A minha *História*¹ daquela idade, longa e complexa como é, deve a sua dimensão e complexidade a esse interminável processo cumulativo: um novo retrato, um novo motivo, um novo nome e, acima de tudo, novas associações. O meu pai, enquanto Criador, pondera a história mais vasta e, no acto da escrita, ganha consciência de um novo elemento que entrou na história. Ilustrarei esta ideia com um exemplo sucinto, mas notável, que é mensageiro de muitos outros. Um aspecto fundamental da história da *Queda de Gondolin* é a viagem que o Homem, Tuor, empreende com o seu companheiro, Voronwë, em busca da Cidade Élfica Escondida de Gondolin. O meu pai mencionou-o de forma muito concisa no Conto original, sem destacar qualquer acontecimento, na verdade, sem referir um só evento que fosse; mas, na versão final, na qual a viagem é descrita com uma grande riqueza de pormenores, um dia de manhã, no meio da floresta, os dois viajantes ouvem um grito. Quase poderíamos dizer que «ele» ouviu um grito no meio da floresta, súbito e inesperado². Apareceu, então, um homem alto, vestido de preto, com uma espada preta e comprida na mão, e veio ao

¹ Abreviatura de *A História da Terra Média. The History of Middle-earth* (no original) é uma série de doze volumes, compilados e editados por Christopher Tolkien, e publicados, a título póstumo, entre 1983 e 1996, que ainda não foram publicados em Portugal. Também neste caso usaremos o título traduzido. (*N. da T.*)

² Como prova de que isto não é fruto da minha imaginação, cito uma carta que o meu pai me escreveu a 6 de Maio de 1944: «Uma nova personagem entrou em cena (tenho a certeza de que não o inventei, não o queria sequer, embora goste dele, mas apareceu a caminhar na floresta de Ithilien): Faramir, o irmão de Boromir.» (*N. do A.*)

encontro deles a chamar por um nome, como se estivesse à procura de alguém que se perdera. Mas, sem lhes dirigir a palavra, passou.

Tuor e Voronwë nada sabiam que pudesse ajudá-los a decifrar esta visão extraordinária; mas o Criador da história sabia muito bem quem ele era. Não era outro senão o muito célebre Túrin Turambar, primo directo de Tuor, que vinha a fugir da ruína – desconhecida de Tuor e Voronwë – da cidade de Nargothrond. Eis um sopro de uma das grandes histórias da Terra Média. A fuga de Túrin de Nargothrond é contada em *Os Filhos de Húrin* (na minha edição, pp. 180-1), mas sem qualquer referência a este encontro, ignorado por ambos os parentes, e nunca repetido.

Como meio de ilustrar as transformações que tiveram lugar com o passar do tempo, nada é mais impressionante do que o retrato do deus Ulmo tal como é visto na origem, sentado no meio dos juncos, a tocar ao crepúsculo, à beira do rio Sirion, embora muitos anos depois o senhor de todas as águas do mundo emirja no meio da grande tempestade marítima, em Vinyamar. Ulmo encontra-se, de facto, no centro do grande mito. Apesar de Valinor, de um modo geral, se opor a ele, o grande Deus alcança misteriosamente o seu objectivo.

Olhando para trás, para o trabalho que desenvolvi e que agora concluo ao fim de cerca de quarenta anos, creio que o meu principal desígnio foi, pelo menos em parte, o de tentar dar mais destaque à natureza de «O Silmarillion»¹ e à sua existência vital na relação com *O Senhor dos Anéis* – pensando nele como a *Primeira Idade* do mundo da Terra Média e de Valinor criado pelo meu pai.

¹ Aqui, por «Silmarillion» Christopher Tolkien entende o corpo mitológico de lendas, distinto de *O Silmarillion*, a obra publicada pela primeira vez em 1977 e que consiste numa recolha dessas lendas. (*N. da T.*)

Houve, é certo, o *Silmarillion*, que eu publiquei em 1977, mas este foi composto, poder-se-ia mesmo dizer «forjado», com o fim de produzir uma coerência narrativa, muitos anos depois de *O Senhor dos Anéis*. Podia parecer «isolada», e era-o, esta extensa obra escrita num estilo elevado, supostamente descendente de um passado muito remoto, com pouco desse poder e imediatismo que caracterizam *O Senhor dos Anéis*. Era inevitável que tal acontecesse, dada a forma como escolhi abordá-la, porque a narrativa da Primeira Idade possuía uma natureza literária e imaginativa muito particular. Em todo o caso, eu sabia que, muito tempo antes, depois de concluir a escrita de *O Senhor dos Anéis* mas muito antes da sua publicação, o meu pai manifestara o desejo profundo, nascido de uma convicção, de que a Primeira Idade e a Terceira Idade (o mundo de *O Senhor dos Anéis*) fossem tratadas, e publicadas, como elementos ou partes da mesma obra.

No capítulo deste livro intitulado «A Evolução da História», publiquei excertos de uma longa missiva, assaz reveladora, que o meu pai escreveu ao seu editor, Sir Stanley Unwin, em Fevereiro de 1950, pouco tempo depois de concluir a escrita de *O Senhor dos Anéis*, e na qual desabafa a respeito deste assunto. Na altura, descrevendo-se com uma certa auto-ironia, dizia-se um homem horrorizado ao contemplar «esse impraticável monstro de cerca de seiscentas mil palavras» – sobretudo porque os editores estavam à espera daquilo que lhe tinham pedido, uma seqüela de *O Hobbit*, embora o novo livro (dizia ele) fosse, «na verdade, uma seqüela de *O Silmarillion*».

O meu pai nunca mudou de opinião. Inclusivamente, refere-se a *O Silmarillion* e a *O Senhor dos Anéis* como «uma longa Saga das Jóias e dos Anéis». Opôs-se, nestes termos, à publicação separada de qualquer uma das obras. No fim, porém, foi derrotado, como se depreende da leitura de «A Evolução da História», reconhecendo

que não havia esperança de que o seu desejo fosse concedido: e consentiu que *O Senhor dos Anéis* fosse publicado à parte.

Depois da publicação de *O Silmarillion*, dediquei-me a uma investigação, que se prolongou por muitos anos, do conjunto completo de manuscritos que o meu pai me tinha legado. Em *A História da Terra Média*, restringi-me ao princípio geral de «conduzir os cavalos lado a lado»: não história a história, ao longo do tempo, seguindo o caminho que cada uma percorria, mas sim o movimento total da narrativa tal como foi evoluindo ao longo dos anos. Como observei no prefácio ao primeiro volume de *A História*,

a visão do autor da sua visão sofreu uma transformação lenta e contínua, perdendo elementos e incorporando outros: apenas em *O Hobbit* e em *O Senhor dos Anéis* é que partes dela emergiram e se fixaram em obra impressa ainda no seu tempo de vida. Percebe-se que o estudo da Terra Média e de Valinor seja complexo; porque o objecto de estudo não era estável, existindo antes, por assim dizer, de forma «longitudinal» ao longo do tempo (o tempo de vida do autor), e não «transversal», como um livro impresso que não sofre qualquer alteração suplementar.

Compreende-se deste modo que, pela natureza do trabalho, a *História* seja muitas vezes difícil de seguir. E, quando considerei que tinha chegado o momento de dar, por fim, como encerrada esta longa série de edições, ocorreu-me que devia experimentar, o melhor que eu pudesse, uma abordagem diferente: seguir uma narrativa em particular, usando textos já publicados, desde a sua versão mais antiga até às versões mais recentes – daí *Beren e Lúthien*. Na minha edição de *Os Filhos de Húrin* (2007), eu já tinha descrito, no apêndice, as principais alterações feitas à narrativa ao longo das

suas sucessivas versões; mas em *Beren e Lúthien* citei na totalidade os textos mais antigos, começando pela forma original em *Os Contos Perdidos*. Agora que é certo que o presente livro é o último, apliquei a mesma abordagem peculiar a *A Queda de Gondolin*.

Graças a este método, ganharam visibilidade certas passagens, ou mesmo conceitos amadurecidos, que mais tarde foram abandonados; por exemplo, em *Beren e Lúthien*, a breve mas memorável aparição de *Tevildo*, o Príncipe dos Gatos. *A Queda de Gondolin* é única neste sentido. Na versão original do Conto, o avassalador ataque à cidade de Gondolin, realizado com esse novo e inconcebível armamento, é descrito com uma tão grande clareza e riqueza de pormenores que são dados os nomes dos lugares na cidade onde os edifícios foram reduzidos a cinzas, ou onde guerreiros célebres pereceram. Em versões posteriores, a destruição e a luta são reduzidas a um parágrafo.

Que as Idades da Terra Média se cruzam torna-se evidente de forma quase imediata no reaparecimento – como intervenientes na acção e não apenas como memórias – de figuras dos Dias Antigos em *O Senhor dos Anéis*. Muito velho, sem dúvida, era o *Ent*, *Barba-de-Árvore*; os *Ents* eram o povo mais antigo que sobreviveu na Terceira Idade. Enquanto transportava Meriadoc e Peregrin pela floresta de Fangorn, *Barba-de-Árvore* cantava-lhes:

Nos campos de salgueiros de Tasarinan, eu caminhei na Primavera.

Ah! a visão e o cheiro da Primavera em Nan-tasarion!

Foi, de facto, muito tempo antes de *Barba-de-Árvore* cantar para os *hobbits* em Fangorn que Ulmo, o Senhor das Águas, veio à Terra Média para falar com Tuor, em Tasarinan, o País dos Salgueiros. Ou ainda, no fim da história, lemos a respeito de Elrond e Elros, filhos

de Eärendel, que serão, numa idade mais tardia, o senhor de Rivendell e o primeiro rei de Númenor: aqui são muito novos ainda, e um filho de Fëanor leva-os sob a sua protecção.

Mas permitam-me agora que apresente, enquanto símbolo das Idades, a figura de Círdan, o *Armador*. Era o portador de *Narya*, o Anel de Fogo, um dos Três Anéis dos Elfos, até entregá-lo a Gandalf; dele foi dito que «via mais longe e mais fundo do que qualquer outro na Terra Média». Na Primeira Idade, era o senhor dos portos de Brithombar e de Eglarest, nas costas de Beleriand, e, quando estes foram destruídos por Morgoth na Batalha das Lágrimas Inumeráveis, escapou-se com o que restava do seu povo para a Ilha de Balar. Ali e na foz do Sirion, voltou a dedicar-se à construção de navios e, a pedido do rei Turgon de Gondolin, construiu sete. Estes navios velejaram para o Ocidente, mas de nenhum deles chegou notícia, até partir o último. Nesse navio ia Voronwë, enviado de Gondolin, que sobreviveu ao naufrágio e tornou-se o guia e companheiro de Tuor na grande viagem que empreenderam até à Cidade Escondida.

A Gandalf, Círdan declarou muito depois, quando lhe deu o Anel de Fogo: «Mas, quanto a mim, o meu coração está com o Mar, e morarei nas costas cinzentas, a guardar os Portos, até zarpar o último barco.» Portanto, Círdan aparece pela última vez no último dia da Terceira Idade. Quando Elrond e Galadriel, acompanhados de Bilbo e de Frodo, viajaram até às portas dos Portos Cinzentos, onde Gandalf os esperava,

Círdan, o *Armador*, apareceu para saudá-los. Muito alto era ele, e tinha uma barba comprida, e era um homem velho e grisalho, embora os seus olhos fossem cristalinos como as estrelas; olhando

para eles, fez uma vénia e disse: «Tudo agora está a postos.» Então Círdan levou-os até aos Portos, onde havia um barco branco...

Feitas as despedidas, os que partiam subiram a bordo:

e as velas foram içadas, o vento soprou e, devagar, o barco deslizou pelo estuário comprido e cinzento; e a luz do Frasco de Galadriel que Frodo levava cintilou e perdeu-se. E o barco saiu para o Mar Alto e transitou para o Ocidente...

seguinte, assim, o caminho de Tuor e de Idril ao aproximar-se o fim da Primeira Idade, que «se fizeram à vela rumo ao sol-posto e ao Ocidente e nunca mais entraram em nenhum conto ou canção».



O conto de *A Queda de Gondolin* acumula, à medida que vai avançando, muitas referências fugazes a outras histórias, a outros lugares e a outros tempos: a acontecimentos do passado que determinam acções e pressupostos no momento presente do conto. O impulso, nestes casos, de oferecer uma explicação ou, pelo menos, algum esclarecimento é forte; no entanto, tendo em mente o objectivo do livro, não salpiquei os textos de pequenos números sobrepostos remetendo para notas. O que pretendi foi facultar alguma orientação desta natureza de maneiras que podem ser facilmente ignoradas se for essa a preferência do leitor.

Primeiro que tudo, apresento no «Prólogo» uma citação do *Esboço da Mitologia* de 1926, escrito pelo meu pai, de modo a fornecer um retrato do Mundo, nas palavras dele, desde os seus primórdios até aos acontecimentos que conduziram, por fim, à fundação de Gondolin. Além disso, usei a Lista de Nomes em muitos casos para

desenvolver afirmações que vão muito além do que o nome suscita; e também apresentei, a seguir à Lista de Nomes, um conjunto de notas isoladas, a respeito de tópicos muito variados, que podem ir desde a criação do Mundo ao significado do nome Eärendel e à Profecia de Mandos.

Muito delicado, claro está, é o tratamento da mudança de nomes, ou da forma dos nomes. Esta é a parte mais complicada, porque o uso de uma forma particular não indica necessariamente a data relativa da composição na qual ocorre. O meu pai faria a mesma mudança num texto em momentos muito diferentes, sempre que julgasse necessário. Não me preocupei com a consistência ao longo do livro: com isto quero dizer que não escolhi uma forma para aplicar no livro todo, nem segui, em todos os casos, a do manuscrito, permitindo a variação que me pareceu adequada. Neste sentido, conservo *Ylmir* quando substitui *Ulmo*, uma vez que se trata de uma ocorrência frequente de natureza linguística, mas uso sempre a forma *Thorondor* em vez de *Thorndor*, *Rei das Águias*, uma vez que o meu pai tinha o objectivo claro de mudá-la na totalidade do texto.

Por fim, ordenei os conteúdos do presente livro de uma maneira distinta da que presidiu à sua compilação em *Beren e Lúthien*. Os textos do Conto aparecem primeiro, seguidos e com pouco ou nenhum comentário. Segue-se uma descrição da evolução da história, com uma análise do abandono, tão triste, pelo meu pai da última versão do *Conto* no momento em que Tuor passa a Última Porta de Gondolin.

Terminarei repetindo o que já escrevi há quase quarenta anos:

É um facto notável que a única versão completa que o meu pai alguma vez escreveu da história da estada de Tuor em Gondolin,

incluindo a sua união com Idril Celebrindal, o nascimento de Eärendel, a traição de Maeglin, o saque da cidade e a fuga dos fugitivos – uma história que foi um elemento central na sua concepção da Primeira Idade –, tenha sido a narrativa composta na sua juventude.

Gondolin e Nargothrond foram ambas criadas uma vez, e nunca mais foram recriadas. Continuaram a ser fontes e imagens poderosas – mais poderosas, talvez, por nunca terem sido refeitas, e nunca refeitas, talvez, por serem já tão poderosas.

Embora se tivesse disposto a recriar Gondolin, o meu pai não voltaria a alcançar a cidade: depois de escalar a interminável vertente de Orfalch Echor e de passar a longa linha de portas heráldicas, deteve-se, com Tuor, perante a visão de Gondolin no meio da planície e nunca mais tornou a atravessar Tumladen.

A publicação «como uma história que vale por si» do terceiro e último dos Grandes Contos é a minha oportunidade de escrever algumas palavras de homenagem à obra de Alan Lee, que ilustrou um Conto de cada vez. Alan Lee desempenhou esta tarefa com uma profunda consciência da natureza intrínseca da cena e do evento por ele escolhidos desse grande manancial que são os Dias Antigos.

Deste modo, viu e mostrou, em *Os Filhos de Húrin*, Húrin cativo, acorrentado a uma poltrona de pedra, em Thangorodrim, a ouvir a terrível maldição de Morgoth. Viu e mostrou, em *Beren e Lúthien*, os últimos filhos sobreviventes de Fëanor sentados nos seus cavalos, imóveis, a contemplar a nova estrela que despontara no céu ocidental, que é a *Silmaril*, pela qual tantas vidas haviam sido colhidas. E, em *A Queda de Gondolin*, colocou-se ao lado de Tuor e com ele deixou-se maravilhar pela visão da Cidade Escondida, em busca da qual viajara de tão longe.

Por fim, estou muito grato a Chris Smith, da HarperCollins, pela ajuda extraordinária que me deu na preparação do pormenor do livro e, sobretudo, pelo rigor persistente, fruto do seu conhecimento tanto das exigências da publicação como da natureza do livro. À minha mulher, Baillie, também devo a minha gratidão: sem o apoio incondicional que me prestou durante o longo período de tempo em que o livro foi escrito este nunca o teria sido. Também gostaria de agradecer a todos aqueles que tão generosamente me escreveram quando tudo indicava que *Beren e Lúthien* seria o meu último livro.